

Ao iniciar-mos a "Semana Euclidiana", em nome da Diretoria do Centro Cultural "Euclides da Cunha", tenho a satisfação, como primeiro conferencista deste ano, de cumprir o dever de apresentar aos Senhores Diretores desta Rádio Clube Pontagrossense os mais intensos agradecimentos pela cooperação compreensiva e patriótica que sempre nos proporcionaram em nossas atividades cívicas e culturais.

Em qualquer livro que se o procure, sob qualquer ponto de vista que se o estude e considere, Euclides da Cunha deixa sempre no leitor a impressão bem clara e firme da sua inconfundível personalidade de escritor e de homem.

Por um lado, a fundamental e singela unidade dos temas que movem e articulam os "Sertões", "A margem da História", "Contrastes e Confrontos", "Perú versus Bolívia", é uma prova e a confirmação de um particular mundo afetivo de inspirações e de interesses perante os quais a alma de Euclides encontra a razão essencial e "eletiva" de suas melhores vibrações de estudioso e de pensador. Por outro lado, a tonalidade — entre profética e apostólica — com que ele escreve e pensa, o realismo objetivo de seu descrever e deduzir, a solidariedade larga de suas conclusões geológico-humanas, a contemporaneidade espontânea de seus dualismos natureza-homem, paisagem-alma mitologia-história, barbárie-civilização, selva-rio, trabalho-escravidão, primitivismo-técnica, superstição-religião induzem-nos logo para uma apreciação de Euclides que vai bem além de uma consideração individual e no-lo colocam num particular plano representativo e numa particular posição histórica no quadro da Literatura Brasileira.

Estas duas fundamentais conclusões surgem naturais e legítimas ao largo da leitura das páginas euclidianas. E quase toda página de seus livros nos proporciona a confirmação e o motivo desta sua unidade de inspiração e deste seu lugar de destaque na história literária do Brasil.

x x x

Euclides da Cunha não é somente um grande Euclides da Cunha. Ele é ainda um grande ponto firme — não apenas de chegada como também de saída — na evolução histórica de nossa literatura; se é verdade, como é verdade, que a literatura de um povo deve ser expressão de original sentir, de nacionalidade de problemas, de personalidade de temas e de inspiração.

Neste sentido, apesar de seus limites de linguagem, de pensamento e de atualidade (maxime perante umas soluções e sugestões de caráter mais propriamente prático), Euclides da Cunha acaba com aquela literatura colonial e imperial, toda, mas mais ou menos, impregnada de remoinhos alheios e europeamente estandardizada nos moldes e nos acentos de um subjetivismo melancólico, de um lirismo inconsistente, de uma exaltação superficial, de um individualismo sem história, sem pátria e quase anárquico; indiferente, como é ele, a um concreto acolhimento — na personalidade egoística do escritor — de algo que possa constituir e ser a voz e a alma de nossa sensibilidade de povo e de nação.

Euclides da Cunha acaba sobretudo com aquele descritivismo pelo descritivismo e com aqueles rimários fáceis e arbitrários de todos os amores, de todos os cumprimentos e bajulações da literatura encomiástica.

Não quero dizer que a nossa literatura comece mesmo por ele; mas percebe-se bem claramente que é Euclides da Cunha quem, com o realismo e a humanidade de sua inspiração, continua e aprofunda o nosso renascimento romântico, dando-lhe uma orientação popular e nacional, um sentido firme, um rumo vital, a injeção de um sadio fermento de brasilianidade, entendida ela como problema, como espiritualidade, como sociedade, como história.

Percebe-se isto não apenas nos seus livros mais conhecidos e citados, como também no seu breve mas íntimo epistolário para com os amigos e os pais. Percebe-se isto, ainda, na sua breve mas significativa atividade de poeta.

Há no seu epistolário uma larga veia de carinho e de cordialidade, assim como há em seus versos um desejo ardente de renovação, uma exigência de temas novos, uma necessidade de afastar os esquemas acadêmicos do convencionalismo e da rima para dar livre desabafo a um sentimento espontâneo de humanidade, a um real anseio de socialidade, de progresso, de marcha para frente à busca de nós próprios, de uma nossa língua, de uma nossa alma, de uma nossa expressão que seja unicamente nossa.

Eis a sua proleção:

Detesto francamente estes mestres cruéis que esmagam uma idéia sob quebrados pés... que vestem um pensamento torto, encarquilhado e

perro como um correto frack no dorso de um corcunda.

Eis a sua definição do escritor:

Oh! sim, quando a paixão o nosso ser inunda e ferve-nos na artéria, e canta-nos no peito como dos ribeiros o borbulhoso leito

parar — é sublevar

medir — é deformar.

E eis sua confissão:

Não tenho ainda vinte anos

À MARGEM DA HISTÓRIA

e sou um velho poeta. A dor e os desenganos sagraram-me mui cedo. A minha juventude é como uma manhã de Londres, fria e rude.

E se quisermos achar a origem remota daquela capacidade escultórica de Euclides, tão presente nas páginas de sua prosa, devemos ler os sonetos: "Dantão", "Marat", "Robespierre", e "Saint-Just".

x x x

Isso me parece o essencial da personalidade artística e histórica de Euclides da Cunha.

Há nele uma razão de escrever. Um motivo constante e necessário o agita. E um anseio o empenha. Uma seriedade o move e não lhe permite de ficar tranqüilo e indiferente perante o que vê e escreve. Há uma fé nele. E a fé, a inspiração, a solidariedade são os caracteres essenciais do escritor, a quem o escrever não se apresenta como um exercício e um lazer, antes como uma missão, como um empenho moral, como um grito de proteção e um ato de coerência entre a vida e ideal, entre livro e existência, entre pensamento e ação.

Possue este escritor uma mente nutrida e competente conhecendo os problemas, vivendo-os, analisando as situações e sabendo ler entre os complicados enredos da multiforme realidade da vida, do indivíduo e da sociedade. E possui ainda Euclides um coração que sente, que entenece e torna-se solidário por uma atitude energética e revolucionária, apontando a necessidade de uma solução e o rumo de uma redenção, sem receios e sem medo perante a realidade que é obstáculo e reprovação.

A realidade pode ser a que for: mas Euclides não a contempla com o olhar estranho e superior do literato, não a descreve com o gosto cínico e indiferente do escritor verista satisfeito de escrever o que é. Aquela realidade ofende sua mente experta e rasga sua sensibilidade de cidadão. Ele a aponta como um honesto promotor público, a condena como um probo juiz e sugere e indica a solução como um patriota ardente.

Euclides da Cunha não é um revoltado. Euclides é um apaixonado. E justamente porque é um apaixonado, eu tenho minhas dúvidas a respeito de seu "positivismo", de que muito falam os críticos de Euclides, como Veríssimo, Ribeiro e Rondon. O positivismo acaba dando à nossa cabeça o gosto pelas definições, pelas classificações, pelas abstrações áridas que parece digam muito e afinal nada dizem. Ora, em quais de suas páginas Euclides se revela abstrato, classificador e árido? O positivismo acaba apagando a vida e tirando das coisas a alma. E eu me pergunto se há uma página em que Euclides não faça justamente o contrário, procurando a vida até nas coisas amargas e mortas, projetando um ideal e um "vir a ser" também lá onde tudo é cruel e inhumano.

Na luz de um ideal, ele descreve uma realidade. Mas a medida do gênio artístico de Euclides não está naquela realidade descrita, e sim na perspectiva ideal em que fica ele encarada, no anseio com que a sofre, no desejo de superá-la, de cancelá-la, apresentando-a como uma lenda; uma lenda remota após a qual deveria seguir a história que é retorma, progresso, solução, solidariedade, esforço dominando a natureza e melhorando-a para que possa o homem viver e os homens — donos e fazendeiros uns, operários e trabalhadores outros — possam conviver numa compreensão recíproca para a fundação, para o rápido desenvolvimento de um povo que deve tornar-se nação, de um País que deve tornar-se Estado, de um território imenso que deve racionalizar-se e humanizar-se abandonando para sempre o "status quo" da colônia e do império para tornar-se progressista, liberal e republicano.

Euclides é um homem novo: o verdadeiro brasileiro procurando renovar os homens e criando brasileiros.

Leiam-se atentamente, em silêncio, sem retórica suas páginas. Ver-se-á quanta dor há em suas páginas. E quanta amargura no coração deste escritor-engenheiro; o que vale quanto dizer escritor-construtor.

x x x

O livro de que deveria eu sobretudo falar é "A margem da história": um conjunto de artigos e ensaios que podem estar vizinhos, ainda que "Viação sul-americana", "Martin Garcia", "O primado do Pacífico", "Da independência à República", "Estreias indecifráveis" pareçam artigos mais ou menos alheios e estranhos.

Mas apaz-me expor aqui minhas impressões imediatas; máxime uma impressão que justamente o título daquele livro me sugere.

Na verdade, o mundo de Euclides da Cunha é sempre um mundo "à margem da história". E é mesmo aquilo que deriva aquele não sei que de arcaico e de nervoso, de épico e de remoto, pesado e cristalizando-se no vocabulário duro, invulgar e maciço de seus livros.

Tudo no melhor Euclides fica ainda à margem da história; tudo, isto é, fica aquém da história porque não é ainda história, não possui ainda movimento, não tem consciência.

Ele, cidadão até os primeiros anos do século XX, possuidor de uma sensibilidade rara, nutrido de cultura e ardente de ação como o futuro homem do ano de Dois Mil, vê-se em torno de si uma realidade cinzenta e imóvel, quase selvagem, primitiva: mais do que selvagem e primitiva porque os homens civis aí trouxeram à escravidão, reduzindo o trabalho a dívida, rasgando a

família, incentivando o ódio e a traição, a avidez e a cobiça, numa confusão de sacro e de profano, de ignorância e de maquiavelismo, de irresponsabilidade e de crueldade, de cínico e de anárquico.

Tudo é aqui "à margem da história". Leiam-se as páginas do primeiro artigo: "Impressões gerais". Parece viver num mundo ainda inexplorado. Num mundo de lenda.

O que é a natureza amazônica? "Ao revés da admiração ou do entusiasmo provoca um desapontamento. Em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inatural e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem fins daqueles horizontes vastos e indefinidos como do mar".

E o que se torna o cientista? "Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo".

E o homem? "O homem ali é ainda um intruso impertinente. A volubidade do rio contagia o homem. A adaptação exercita-se pelo nomadismo".

Leiam-se as páginas onde Euclides descreve a entrada de Manaus. E um quadro grandioso de dor e de realidade, de amargura e de proteção: "A entrada de Manaus existe a belíssima ilha de Marapatá — e essa ilha tem uma função alarmante. E o mais original dos lazaretos. Um lazareto de almas. Ali, dizem, o recém-vindo deixa a consciência. E uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica às melhores qualidades nativas e furlina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. E que, realmente, nas paragens exuberantes das héveas e costilões, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho. De feito, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é ele o homem que trabalha para escravizar-se".

Euclides não descreve. O homem é quem lhe interessa: o homem e o seu drama fatal. O drama do pai que deixa a família no Ceará, e torna-se seringueiro, depois manso, depois freguês, depois escravo, depois hóspede ignoto e perdido.

"Não o ligan sequer à terra", grita Euclides. E aquela terra fica o que era. E o homem embrutece.

Leia-se o outro artigo: "Rios em abandono". Que impressão dolorosa diante destas páginas em que Euclides descreve a biografia dos rios nascendo, deslizando e morrendo como os homens; justamente quando parece que a Natureza aí os semeiou para que fossem as estradas dos homens e para que os homens deles sousessem aproveitar com raciocínio. Quanto é amargo esse parasitismo do homem!

Podemos dizer a mesma coisa para os outros artigos: "Um clima calunioso" é um severo estudo de sociologia e de antropologia; "Os caucheros" é uma página amarga de crueldade e de destruição em que os homens aparecem reduzidos a "gafanhotos" da natureza e de si próprios; "Judás-Ahseverus" é o trágico espetáculo de uma auto-ironia e de uma auto-caricatura que nos leva aos cenários das boigas de Dante Alighieri; "Brasileiros" é o esboço de raros brasileiros em que revive a alma bandeirante construindo e agindo rumo ao oeste; "Trans-acreana" é um concreto programa de solução e de redenção.

Estes sete artigos parecem os sete momentos de um drama, o drama de uma natureza deformada e de uma humanidade imóvel. Nos últimos dois artigos, "Brasileiros" e "Trans-acreana", surge uma luz, surgem o esforço solitário de construção de um núcleo de pioneiros e a vontade firme de um Profeta, de Euclides: a "Vox clamantis in deserto", desejo de levar aquele mundo primitivo e bravo para o seio da história, sugerindo estradas e casas, bonificações e reformas, contratos e providências, justiça e civismo.

x x x

Este livro tem-me feito uma grande impressão: uma impressão mais profunda e mais íntima do que aquela que tenho recebido ao ler Monteiro Lobato e outros.

A realidade de Monteiro Lobato é menos remota. A sua inspiração é mais política, mais poética, mais barulhenta. Euclides é mais bíblico, mais humano, mais essencial. Nunca há nele ostentação, gozo e snobismo: as qualidades negativas dos que presumem.

Este livro tem-me feito uma grande impressão, sobretudo porque me parece que ele contenha um estímulo e uma sugestão que nos cabe recolher e pôr em prática.

O estímulo, a sugestão e o dever de nos comportar hoje como se comportou ontem Euclides: lutando, tendo coragem, estudando, pondo-nos diante da realidade humana e social do Brasil com atitude de responsabilidade, esforçando-nos, em cada momento, de afastá-lo sempre mais da "margem da história", empenhando-nos, em cada momento, de levá-lo para a história: o que nada mais quer dizer se não que devemos seriamente trabalhar, pacientemente, corajosamente nos esforçar para o bem estar, para o progresso, para a espiritualidade de nossa Pátria, que será o que nós formos e soubermos ser.

BRUNO ENEI

(Para o Centro Cultural "Euclides da Cunha", iniciando a "Semana Euclidiana").